

NOTAS E REFLEXÕES

"ORGULHOSAMENTE ACOMPANHADOS": OLHAR PARA A AMÉRICA LATINA COMO MÁRIO SOARES

ANDREA IMAGINÁRIO BINGRE

andreamaginario@gmail.com

Frequenta o doutoramento em História na Universidade Autónoma de Lisboa. É licenciada em Artes e Magister Scientiarum em Literatura comparada pela Universidade Central da Venezuela, onde é professora associada (Venezuela). Nesta instituição exerceu também os cargos de Coordenadora Académica e Coordenadora de Serviço Comunitário, e membro de diversas comissões académicas. Investiga em História Cultural e nos Estudos Culturais. Realiza atividade de extensão no âmbito musical, a través álbuns e eventos musicais que exploram a interculturalidade luso-venezuelana e o vínculo entre música e poesia portuguesas, motivo pelo qual a Associação de Luso-descendentes da Venezuela conferiu-lhe a Medalha de Honra na divulgação da cultura portuguesa na Venezuela.

DÉBORA DUARTE

dsfduarte@gmail.com

Licenciada em Direito pela Universidade Nova de Lisboa e Mestre em Direito Internacional Público e Europeu pela Universidade Católica do Porto. Foi oficial do Exército Português, onde desempenhou funções como jurista, entre 2018 e 2023 (Portugal). Colaborou na implementação de programas de formação profissional sobre temas de cooperação civil-militar, segurança e acesso humanitário em diferentes organizações internacionais e não governamentais. Encontra-se a frequentar o curso de mestrado em Relações Internacionais - Paz, Segurança e Desenvolvimento da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

O Teatro Thalia, em Lisboa, recebeu, no dia 8 de abril de 2025, o Colóquio *Mário Soares e a América Latina: Passado, Presente, Futuro*, inserido nas comemorações do centenário deste político português. Por ter sido Presidente da República e Primeiro-Ministro de Portugal, é natural o interesse em destacar o seu pensamento no país cuja democracia ajudou a construir. Mas porquê voltar os olhos sobre a relação de Mário Soares com a região latino-americana?

Há uma questão que obriga a refletir sobre o assunto: cresce perigosamente o autoritarismo na América Latina, como cresce também no mundo. Considerando os elos históricos, culturais e políticos daquela região com a Península Ibérica, convém revisitar o papel que Mário Soares cumpriu em defesa da social-democracia latino-americana, tomando como ponto de partida os debates gerados no calor do *Colóquio*.

O despertar da relação de Mário Soares com América Latina

Na Guerra Fria, que começou após a Segunda Guerra Mundial, o confronto entre capitalismo e comunismo atingiu um alto grau de tensão. As ditaduras de direita, herdadas da primeira metade do século XX, reforçaram as suas posições no mundo



ocidental, em aparentes “contenções” anticomunistas: são os casos do Estado Novo, em Portugal, desde 1933, e do franquismo, em Espanha, desde 1939.

Na América Latina, as ditaduras também alimentavam esse imaginário para se sustentar no poder. O historiador Camero afirma que o medo ao comunismo potenciou a coligação militarista de sectores sociais conservadores com sectores das Forças Armadas, colocando entraves ao caminho da democracia até à década de 1980 (Camero, 2019, p. 39). Algumas dessas ditaduras ultrapassaram quarenta anos de vigência, outras subsistiram por muito menos tempo. Mas, perto do final da década de 1970, todas elas coincidiram na linha temporal: Nicarágua, Paraguai, Guatemala, Brasil, Haiti, Chile, El Salvador, Perú, Uruguai, Honduras, Argentina e Bolívia. Não havia só autoritarismo de direita: a Revolução cubana, alinhada com a antiga URSS, também perturbava a democratização desde 1959. E, na Nicarágua, os opositores sandinistas davam sinais de paulatina radicalização à ultraesquerda.

Na década de 1970, as democracias fortes da região seriam apenas as da Costa Rica (desde 1949), Colômbia e Venezuela (desde 1958), e México — embora a sua democracia, estabelecida em 1929, fosse questionada pela hegemonia do Partido Revolucionário Institucional (PRI).

Neste enquadramento, são três os momentos e os perfis, por vezes paralelos e complementares, desde os quais Mário Soares construiu uma relação com América Latina:

- 1) como líder socialista português e opositor ao Estado Novo;
- 2) como parte da chefia da Internacional Socialista (IS), na promoção da social-democracia;
- 3) como representante de Portugal em prol de relações de mútua conveniência.

Como líder socialista e opositor ao Estado Novo

Soares fez várias viagens à região, durante o seu exílio, nos tempos do Estado Novo. No primeiro painel do *Colóquio*, intitulado *Mário Soares e América Latina*, Isabel Soares aludiu a uma primeira viagem, em 1970, ao Brasil, Venezuela, Porto Rico, México e aos Estados Unidos da América.

Segundo o investigador Joaquim Vieira, Soares nunca esclareceu a função política daquele percurso, ainda que lhe tenha sido útil para entrar em contacto com simpatizantes dos socialistas portugueses e dos republicanos espanhóis, exilados na Venezuela, e com portugueses em Nova Iorque, agregados ao movimento Acção Socialista Portuguesa (ASP) — partido antecessor do PS, fundado no exílio, em 1964 por Soares, Francisco Ramos da Costa e Manuel Tito de Morais (Vieira, 2022, p. 277).

Mas existiu uma viagem anterior àquela. Vieira regista que, em 1964, Soares fez uma visita incógnita a Havana, em companhia de José Fernandes Fafe. O convite do governo cubano foi facilitado, em 1963, pelo encarregado de negócios em Portugal, Raúl Amado-Blanco, tendo sido garantido o anonimato e o secretismo da deslocação (Vieira, 2022, p. 181). Após esta e outras visitas a países comunistas, Soares rejeitou esse sistema e



entendeu, como nos lembrou Vítor Ramalho no *Colóquio*, que a oposição entre comunismo e socialismo converter-se-ia numa oposição entre ditadura e democracia.

Embora estas viagens não contemplassem no seu horizonte a missão de influir na América Latina, nem sequer formassem parte de um programa da ASP, tal como afirma Vieira, nelas começaram a tecer-se as redes de apoio na luta em prol da social-democracia em Portugal e na América Latina.

Como parte da chefia da Internacional Socialista (IS)

Segundo Valeska Hesse, a social-democracia apresentava-se, no quadro da Guerra Fria, como alternativa ao capitalismo americano e ao comunismo soviético (2022). O problema era que a influência da IS estava restrita à Europa. Com base no pensamento de Bernd Rother, Hesse assinala que Willy Brandt, do Partido Social Democrata da Alemanha (SPD), teve a visão de incorporar a América Latina na social-democracia e integrar os partidos afins na IS. Existia mais do que uma razão:

- similitude das estruturas partidárias;
- urgência dos conflitos na região, especialmente na América Central;
- necessidade de “independência” da região relativamente aos EUA, mas sem conflito;
- descrédito dos EUA, após a guerra do Vietname e a crise do petróleo de 1973;
- descrédito da Rússia e da China, pela sua “benevolência” com as ditaduras militares (Hesse, 2022).

Nessa altura, Mário Soares já começava, por vários motivos, a dar sinais de ser uma figura idónea para concretizar a aproximação desejada por Brandt. Já tinha uma rede de contatos desde 1970. Em 1972, a ASP entrou na IS. Soares foi convidado por Brandt a formar parte do conselho da revista latino-americana *Nueva Sociedad*, fundada em 1972. Finalmente, em 1976, o político português foi eleito para o seu primeiro mandato como Primeiro-Ministro. Segundo afirmou Rother no *Colóquio*, isto garantia-lhe um peso institucional favorável para chefiar a missão da IS, numa altura em que Espanha ainda não consolidara a sua social-democracia.

Assim, Soares foi múltiplas vezes à América Latina naqueles anos enquanto vice-presidente da IS, cargo que desempenhou desde 1976. Podemos referir dois exemplos paradigmáticos: primeiro, a sua visita à Venezuela, com ocasião da Conferência da IS em Caracas em 1976. A conferência foi presidida por Rómulo Betancourt, representante do partido venezuelano Acción Democrática (AD), no contexto do governo de Carlos Andrés Pérez. Esta conferência favoreceu a adesão de muitos partidos latino-americanos no horizonte democratizador da IS e, para Betancourt, deu visibilidade a Mário Soares, a Felipe González e a Pérez como líderes internacionais na defesa da social-democracia (Straka, setembro de 2022). O segundo exemplo é a participação de Mário Soares como representante da IS nas eleições da República Dominicana, em 1978, quando exercia também o cargo de Primeiro-Ministro de Portugal. Nessas eleições triunfou o candidato opositor Antonio Guzmán, apesar dos intentos de Balaguer por se manter no poder. A presença de Soares teve uma grande influência nos acontecimentos.



Como representante de Portugal

Quer como Primeiro-Ministro, quer como Presidente da República, Mário Soares organizou ou respondeu a convites oficiais para se reunir com os mandatários latino-americanos, e subscreveu diferentes acordos e programas, em matérias muito diversas, mas com orientação democrática. Como Presidente da República influenciou determinantemente a participação portuguesa nas cimeiras ibero-americanas, iniciadas em 1991 (Vieira, 2022; Gomes, 2014). No *Colóquio*, Nancy Gomes apresentou Soares e Felipe González como defensores da identidade linguística lusófona e hispânica, e da cultura ibero-americana como espaço comum para a cooperação (Gomes, 2014).

Portugal e as Cimeiras Ibero-Americanas

Num discurso pronunciado na Cimeira Socialista de 1976 (Soares, 1976), celebrada na Póvoa do Varzim, Mário Soares afirmou que é «por vias diferentes e face a condições nacionais muito diversas» que os objectivos comuns da liberdade, fraternidade e da paz podem ser alcançados. No entanto, reiterou a sua convicção de que Portugal é um «país no cruzamento de todos os povos do Mundo».

Portugal buscava, por esta altura, um novo modo de entender a sua identidade. Era urgente ganhar consciência dos perigos da política externa isolacionista e exclusivamente atlântica do Estado Novo, «sendo necessário também uma integração europeia» (Sebastião, 2010, p. 105). Soares rejeitou, contudo, um corte com a tradição atlântica, propondo uma terceira via, de “nação euro-atlântica”, de ponte entre o Velho Continente e o Novo Mundo.

Sonho aparentemente simples, não consegue impor-se sem mais aos traumas históricos do povo e à relação atribulada com os vizinhos espanhóis. Encravado entre o mar e Espanha, Portugal divide-se no fascínio pelas virtudes de D. Quixote e na mágoa pela tirania dos Filipes (Ferreira, 2013, p.358). É por esta razão que, perante a convocatória para a I^a Cimeira Ibero-Americana, em 1990, Portugal reage timidamente. «Era evidente um certo receio quanto às pretensões da Espanha, e eram muitas as dúvidas, do ponto de vista estratégico, quanto às vantagens acrescentadas para o país» (Gomes, 2014, p. 214). Motivado também pela participação do Brasil, Portugal abraça a iniciativa e faz-se representar ao mais alto nível – o Presidente da República era, então, Mário Soares.

Unamuno explicava estas relações históricas como uma «unidade espiritual, uma alma num território atravessado por contradições» (Ferreira, 2013, p. 358). Com as cimeiras, transforma-se a ideia de hispanidade, abrindo-se espaço a uma participação solidária, marcada mais pelos laços de amizade do que pelos benefícios da cooperação económica. Dizia Soares, em Guadalajara, que existe uma «solidariedade natural resultante das raízes comuns, da proximidade das culturas e da identidade dos laços entrecruzados pela história e a vizinhança geográfica. Portugal também é Ibero-América» (Gomes, 2014, p. 215).

Na sua intervenção no *Colóquio*, Cristina Manzano, sublinhou a importância dos três princípios criadores da Comunidade Ibero-Americana, que ainda hoje permanecem: a horizontalidade, pela simetria das relações; a inclusão de todos na mesa das negociações – sem com isso abdicar da defesa da Democracia e dos Direitos Humanos; e o consenso, que não é sinônimo de unanimidade. Face ao momento histórico de polarização que



vivemos, a materialização destes princípios, segundo Manzano, pode ser um processo complicado; mas quando se consegue, a força política que tem também é muito importante.

Aqui reside o espaço privilegiado de Portugal para exercer a sua vocação de ponte entre dois mundos. Na esteira de Mário Soares, capaz de estabelecer relações interpessoais que dão voz a todos, podem trazer-se os mecanismos de negociação da América Latina até às instituições europeias. No entanto, apesar da sua participação de alto nível nas Cimeiras Ibero-Americanas, bem como do cada vez maior contributo para o seu Secretariado, as reticências sentidas inicialmente adiaram por anos a decisão de incluir a Ibero-América nas prioridades da política externa nacional – talvez pelo receio de sobreposição em relação ao espaço político da CPLP.

Em períodos de crise económica na Europa, perante a «dependência excessiva que a economia portuguesa – incluindo as empresas – têm no mercado europeu, o mercado ibero-americano passa a ser valorizado» (Gomes, 2014, p. 222). Raquel Patrício, na sua intervenção no *Colóquio*, apontava no mesmo sentido: «a própria região da América Latina surge como uma boa alternativa se quisermos pensar em soluções extra-Europa para Portugal». Acrescentava ainda que «aquilo que é a especificidade de Portugal no seio da União Europeia (...) é a ligação privilegiada que tem, não só com a África, mas também com a América Latina por via do Brasil».

Esta não é, contudo, uma posição inovadora. Já o defendia Mário Soares, naquela sua intervenção de 1976: «este contexto (...) obriga o Povo Português a uma reflexão profunda relativamente à integração de Portugal com a Europa, preservando o seu destino histórico de país europeu com especiais qualificações para apresentar-se como "intermediário privilegiado" nas relações da Europa» com o mundo. Portugal possui, no seu entender, uma vocação "terceiro-mundista", que não se opõe à sua participação plena na União Europeia – pelo contrário, beneficia-a (Soares, 1976).

Relações Europa – América Latina

«O viés eurocêntrico reside no modo como a compreensão do regionalismo (que, muitas vezes, tem origem numa leitura particular da integração europeia) condiciona a percepção de como este deve implementar-se noutros lugares do mundo» (Söderbaum, 2014, p.14). Ana Paula Zacarias, no *Colóquio*, apontava esta mesma visão como um dos calcanhares de Aquiles na relação Europa-América Latina e Caribe: «nós [Europa], ao olharmos para a CELAC, estamos à espera de ter do outro lado um interlocutor similar, coisa que não acontece. A CELAC não é a UE. Nem o Mercosul é a UE. São entidades com integrações diversas, (...) estruturalmente diferentes da UE».

Portugal encontra-se, aparentemente, face a um dilema. Em terra, a sua identificação civilizacional com o contexto europeu. No mar, a sua ligação histórica, cultural e afectiva com os países da América Latina. Se, aquando da sua adesão à CEE, em 1986, se posicionou como porta aberta entre dois mundos, com a queda da URSS e o posterior alargamento da UE para o leste Europeu, em 2004, assistiu a uma inversão de prioridades que poderiam ter feito desmoronar o sonho de um novo universalismo.

Mas Portugal, cuja transição democrática foi foco de tensões durante a Guerra Fria, oferece-nos «uma boa ilustração sobre os dilemas de um Estado pequeno, com



capacidade de influência limitada, e como o nível doméstico e europeu interagem no processo de tomada de decisão» (Neves, 2016, p. 266). Perante o alargamento da UE, investiu em quatro dimensões:

- 1) apoio continuado às relações com os países de Leste;
- 2) estratégia de “preservação da solidariedade”, propondo uma redefinição dos requisitos para apoio económico – em que continuasse a ser incluído;
- 3) posição favorável (e ambiciosa) quanto ao alargamento e
- 4) partilha da sua experiência de negociação e adesão, contribuindo para uma diplomacia informal (Neves, 2016).

Este aparente paradoxo de intenções consiste na materialização daquilo que Mário Soares já havia identificado, em 1976, como «vozes que procuram conciliar as duas orientações, destacando a nossa pertença à Europa enquanto cultura e civilização, valorizando os imperativos de ordem geopolítica e económica (...), para partir por um caminho realista de projecção de Portugal aos países que costumamos considerar como parte do Terceiro Mundo» (Soares, 1976). Dando voz e lugar a novas formas de estar, Portugal granjeou, em 2004, simpatias e (pequenos, mas múltiplos) aliados continentais para as suas iniciativas atlânticas. Estas parcerias diversificadas viabilizam o sucesso das propostas Portuguesas (e Ibéricas) levadas a cabo durante as Presidências da UE. De facto, como reparava Cátia Miriam Costa no *Colóquio*, «quem fizer um estudo sobre as relações da União Europeia com a América Latina, percebe perfeitamente picos de atividade quando Portugal ou Espanha têm a presidência».

Esta dinâmica de integração europeia com os olhos postos além-fronteiras é complexa e requer capacidade de gerar equilíbrios. Mário Soares era um crítico da globalização sem critérios e, por essa razão, no fim da sua vida já demonstrava algum ceticismo quanto à evolução do Projecto Europeu. Andrés Malamud, na sua intervenção no *Colóquio*, foi peremptório: «o mundo de Mário Soares já não existe». Importa, então, pensar os desafios de hoje à luz das três dimensões que sempre nos propunha Mário Soares, «democracia, desenvolvimento e descolonização».

Existe ainda muito caminho a percorrer para estreitar as relações entre a Europa e a América Latina. No entanto, mantemos o optimismo de Mário Soares em 1976:

A Europa, hoje, é uma ideia em permanente evolução, dotada de uma dinâmica capaz de transcender os particularismos nacionais e de se situar na determinação e definição de aspirações comuns (...) de actuar em função de uma solidariedade profundamente enraizada nos interesses comuns.

O futuro será propício?

Pairam sobre o mundo atual os fantasmas do século passado: um intenso combate entre narrativas de direita e esquerda aquece o mundo das comunicações, e influi nos padrões eleitorais em favor de candidatos autoritários e populistas, cada vez mais próximos ao poder, quando não mesmo vencedores da corrida presidencial. A este problema, Carlos Quenan, no *Colóquio*, somou a crise climática, a revolução tecnológica, a rivalidade EUA-



China, a crise da globalização e a poli-crisis, o impacto de práticas empresariais como o *nearshore* e o dilema manufatura vs. "mentefatura".

Além do regime cubano, a Nicarágua e a Venezuela (país sul-americano que fora exemplo de sucesso democrático) adotaram modelos autoritários de extrema-esquerda. Na Argentina e em El Salvador, os governos são tendencialmente autoritários, e aproximam-se da extrema-direita. Na Europa, as desigualdades socioeconómicas são cada vez mais profundas e os movimentos autoritaristas ganham força e representação institucional, aumentando fenómenos como a violência social e institucional contra os migrantes. Em simultâneo, nos EUA, a democracia e o Estado de Direito encontram-se fragilizados. Este enquadramento demonstra que a democracia e a liberdade não podem ser dadas por garantidas, e que mantê-las requer atenção permanente, ações concretas e coerência por parte das instituições.

Francisco Aldecoa Luzárraga sugeriu, no *Colóquio*, que o segundo mandato de Trump poderia ser uma oportunidade para impulsionar a aproximação entre a Europa e a América Latina, especialmente face às tensões sobre as questões migratórias nos EUA. Mas nem todos se mostraram tão otimistas: Ramón Jáuregui afirmou que a América Latina está fraturada e que, na região, a Europa tem perdido o seu peso económico em comparação com a China.

Estes oradores concordavam, contudo, num ponto-chave: «a Europa que queremos é fraterna com a América Latina. Constrói caminhos e constrói pontes», sublinhou Jáuregui. Esta era a Europa com que sonhava Mário Soares, com quem ele tinha tanto a partilhar, mas também a aprender.

Porque a democracia não é um valor particular, mas universal, torna-se urgente encontrar, para o nosso tempo, carismas como o de Mário Soares que, modelo de moderação política, foi um combatente contra qualquer forma de ditadura (González). Só na reconciliação dos extremos se recupera o horizonte democrático e de liberdade. Para tal, continua a fazer sentido caminhar "orgulhosamente acompanhados", como dizia Soares.

No *Colóquio*, mais do que recordar um político, puseram-se em comum sonhos para o futuro, propostas de solução ou desafios partilhados para a Ibero-América. Nem sempre visões concordantes, é certo, mas olhos nos olhos, à mesma mesa – ao estilo das relações de amizade e solidariedade que tanto agradavam a Mário Soares.

«Numa iniciativa de centenário», concluiu Paulo Neves, «falámos do futuro. Mário Soares estaria orgulhoso».

Referências

Colóquio (por ordem do programa):

Cordeiro, P., Soares, I., Figueroa, B., Ramalho, V. e Sepúlveda, B. (8 de abril de 2025): Mário Soares e a América Latina [Painel 1]. *Colóquio Mário Soares e a América Latina: Passado, Presente, Futuro*, Teatro Thalia, Lisboa.



Gomes, N., Torres, J., Rother, B., Schuster, M., Fonseca, A., e González, F. (8 de abril de 2025): A Internacional Socialista e a América Latina [Painel 2]. *Colóquio Mário Soares e a América Latina: Passado, Presente, Futuro*, Teatro Thalia, Lisboa.

Neves, P., Manzano, C., Gomes, N., Patrício, R. e Vitória, R. (8 de abril de 2025): Portugal e as Cimeiras Ibero-Americanas [Painel 3]. *Colóquio Mário Soares e a América Latina: Passado, Presente, Futuro*, Teatro Thalia, Lisboa.

Romão, F., Gaspar, C., Zacarias, A., Malamud, A., e Costa, C. (8 de abril de 2025): Relações Europa-América Latina [Painel 4]. *Colóquio Mário Soares e a América Latina: Passado, Presente, Futuro*, Teatro Thalia, Lisboa.

Cordeiro, P., Aldecoa, F., Jáuregui, R., e Quenan, C. (8 de abril de 2025): América Latina: olhar o futuro [Painel 5]. *Colóquio Mário Soares e a América Latina: Passado, Presente, Futuro*, Teatro Thalia, Lisboa.

Fontes bibliográficas e hemerográficas:

Camero, Y. (2019). *La irrupción del populismo*. Editorial Alfa.

Gomes, N. (2014). *A Política de Portugal para a Ibero-América a partir de 1991*. Tese de doutoramento. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Hesse, V. (março 2022): Cuando la Internacional Socialista pisaba fuerte. Tradução: Carlos Díaz Rocca. *Nueva Sociedad*. <https://nuso.org/articulo/auge-y-ocaso-de-la-internacional-socialist/>

Rollo, M. (coord). (2013). *Atas. I Congresso de História Contemporânea*.

Santos Neves, M. (2016). *The Paradox of EU Enlargement and Member States' Policies: Dilemmas and Challenges – The Case of Portugal*. Megatrend revija – Megatrend Review, 13(3), 263–286.

Sebastião, D. (2010). *Mário Soares e a Europa: Pensamento e Ação*. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.

Soares, M. (1976). *Portugal en el actual contexto europeo*. Nueva Sociedad, 23, p. 25-35

Söderbaum, F. (2013). *Rethinking Regions and Regionalism: Georgetown Journal of International Affairs*, 14 (2), pp. 9-18

Straka, T. (setembro de 2022). Nueva Sociedad o el nacimiento de una socialdemocracia global. *Nueva Sociedad*. <https://nuso.org/articulo/nueva-sociedad-socialdemocracia-venezuela/>

Vieira, J. (2022): *Mário Soares: uma vida (biografia revista e ampliada)*. Reverso Editora.

Como citar esta nota

Bingre, Andreia Imaginário & Duarte, Débora (2025). "Orgulhosamente Acompanhados": Olhar para a América Latina como Mário Soares. *Janus.net, e-journal of international relations*. VOL. 16, Nº. 2, novembro 2025-abril 2026, pp. 461-496. DOI <https://doi.org/10.26619/1647-7251.16.2.01>

